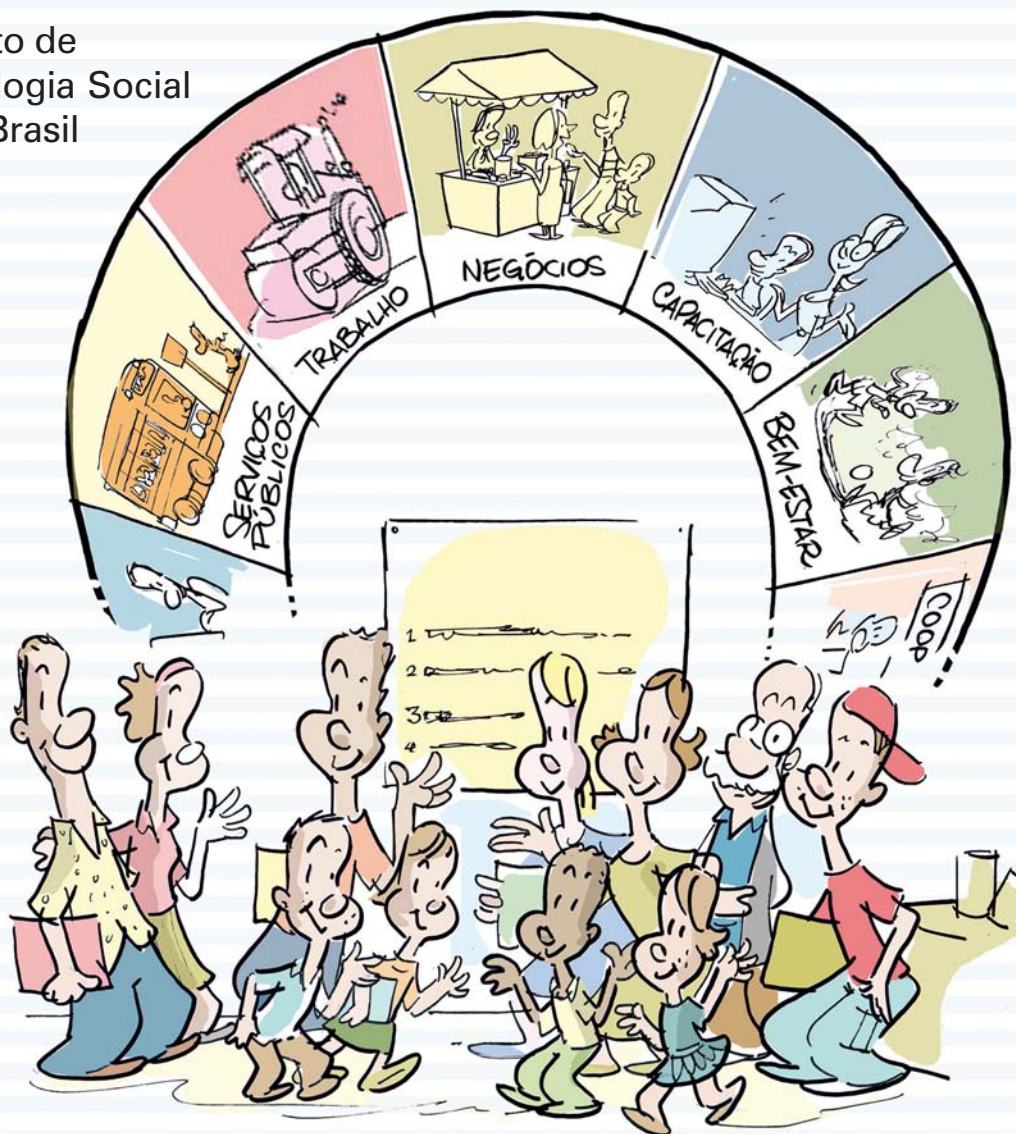


Desenvolvimento Local Participativo

Instituto de
Tecnologia Social
– ITS Brasil



Nosso lugar é a gente que faz

	Introdução	4
	FASE 1 – MOBILIZAR	
	Unir forças e a vontade de mudar	6
	Formar a estrutura de participação	8
	FASE 2 – DIAGNOSTICAR E PLANEJAR	
	Conhecer para transformar	10
	Como é a pesquisa popular?	12
	Nasce o Plano de Ações	14
	O CICLO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL PARTICIPATIVO	16
	FASE 3 – IMPLEMENTAR, ACOMPANHAR E AVALIAR	
	Poder público e comunidade trabalham juntos	18
	Elaborar os projetos	20
	Tirar os projetos do papel	22
	Gente trabalhando, dinheiro circulando no local	24
	Acompanhar, avaliar e prestar contas	27
	Celebrar e divulgar as conquistas	28
	Outras histórias	30

Desenvolvimento Local Participativo: Nosso lugar é a gente que faz



Vai ter festa na casa do Vicente e seu irmão José resolveu fazer uma visita. Faz cinco anos que não vê o irmão, a cunhada Mariana e os sobrinhos. Ele está muito feliz e, ao mesmo tempo, preocupado.

José tomou o ônibus e foi pensando como a família do Vicente vivia mal. Seu irmão morava num bairro ruim, onde faltava quase tudo. Não tinha árvores nem mesmo um lugar para se divertir ou fazer esportes. Também não tinha trabalho, muita gente por

ali estava desempregada. José foi pensando em tudo isso e resmungou:

— Que futuro aquelas crianças vão ter?

E assim ele se distraiu. De repente, já tinha chegado no ponto final. Quando olhou em volta, viu um bairro diferente: ruas asfaltadas, árvores plantadas, mais comércio. Tinha um centro comunitário e uma quadra onde as crianças jogavam bola. Ficou admirado:

— Vixe! Acho que peguei o ônibus errado.

Era o ônibus certo. Mas o ponto final tinha mudado para outro lugar: uma praça, que o Vicente arrumava para a festa, junto com os vizinhos. José se animou:

— Vicente, você melhorou de vida, hein? O que aconteceu? O bairro está diferente...

— Salve meu irmão! Fomos nós da comunidade que conseguimos!

— Conseguimos, não! Porque a coisa não acabou — consertou a Mariana.

— É verdade. O que nós fizemos e continuamos fazendo se chama

Desenvolvimento Local Participativo.

— Mas o que é isso? — quis saber José. Vicente explicou que primeiro tem que

entender o que é desenvolvimento.

— **Existe desenvolvimento quando todas as pessoas da comunidade têm saúde, moradia, alimentação, trabalho, educação, cultura e respeito. E o que precisarem para viver com dignidade.**

O Desenvolvimento Local Participativo é aquele que é pensado e posto em prática aqui mesmo no bairro, e com a participação direta da comunidade. Todos os setores e grupos se envolvem e trabalham juntos para buscar soluções para suas necessidades, fazer parcerias e ter mais capacidade de orientar o desenvolvimento. Assim os resultados são compartilhados por todos.

O Desenvolvimento Local Participativo corresponde ao conjunto das ações que acontecem a partir do território, com o envolvimento direto da população, tendo como resultado a criação de riqueza e a dinamização da economia, a geração de trabalho e renda e a melhoria do bem-estar e da qualidade de vida.



Unir forças e a vontade de mudar

— Explica direito, Vicente — pediu o José.

— Aqui no bairro, os moradores reclamavam muito da má qualidade de vida.

Vontade de mudar essa realidade é que não faltava. Algumas pessoas resolveram tomar uma atitude. Marcaram uma reunião e foram de casa em casa chamando todo mundo. Muita gente não

apareceu, mas com alguns moradores já foi possível começar uma conversa sobre o que tinha que melhorar.

Falamos dos problemas do bairro e das coisas que gostamos nele. Fizemos uma lista dos principais pontos fracos e do que tinha de positivo para ser aproveitado. Pensamos isso para várias áreas: trabalho e

renda, alimentação, saúde, educação, formação profissional, meio ambiente...

Levamos em conta a história da comunidade e da nossa região e também o que era preciso para organizar as pessoas e despertar nelas a vontade de participar.

— Mas como fazer isso tudo? Como transformar o sonho de uma vida melhor em realidade?

A gente ainda não tinha as respostas. E percebeu que seria necessário aprender um pouco mais com quem já tinha vivido situações parecidas com a nossa. Então fomos atrás de saber quais as pessoas, grupos e instituições do bairro e da região que poderiam contribuir de alguma forma. Procuramos ajuda de uma organização não governamental (ONG), que já tinha feito um projeto interessante com as crianças do bairro.

Discutindo com eles, vimos que a nossa lista das dificuldades e do potencial do bairro foi boa para ter por onde começar. Mas ainda era pouco. Porque o bairro não é só das pessoas que participaram da reunião, é de todos os moradores. A ONG tinha experiência em Desenvolvimento Local Participativo e nos fez uma proposta. Era de aproveitar essa mobilização e fortalecer a comunidade, fazendo um processo como este no nosso bairro.

A gente decidiu organizar um grupo para levar adiante essa idéia, um Conselho. Não foi muito difícil escolher quem ia participar. A dona Geraldina, que há 40 anos luta por melhorias no bairro, em quem todo mundo confia, foi escolhida para ser a presidenta. As outras pessoas do Conselho também estavam muito comprometidas com as mudanças que a gente queria realizar.

Formar a estrutura de participação



O **Conselho de Desenvolvimento Local Participativo** vai ser o motor principal das mudanças na comunidade, então tem que ser bem amplo e representativo. Os movimentos sociais, os empresários do bairro, as ONGs, os sindicatos, os partidos políticos, igrejas, escolas, voluntários, jovens, aposentados e também o poder público

são todos convidados a participar. Só assim o Conselho consegue planejar e orientar coletivamente o futuro da comunidade.

— Isso é muito importante, José — explicou Vicente. Não importa quem teve a idéia primeiro. O processo tem que ser de todo mundo! A comunidade deve sentir que é dona do processo e

Como está nosso Conselho de Desenvolvimento Local Participativo?

Não existe uma fórmula de como montar e fazer funcionar um Conselho de Desenvolvimento Local Participativo. O ideal é que ele seja formado por pessoas engajadas no movimento de transformação, eleitas de modo democrático.

Transformar o Conselho oficialmente em pessoa jurídica pode ser bom para conquistar independência, poder receber recursos e representar a comunidade em contratos. Mas para isso é importante que os membros sejam capacitados em gestão e tenham conhecimento em Desenvolvimento Local Participativo.

- Todas as instituições, grupos e pessoas atuantes do bairro estão representadas?
- Acreditamos que podemos melhorar as condições de vida?
- Temos confiança uns nos outros para trabalharmos juntos?
- O bem da comunidade prevalece sobre as vantagens de cada um?
- Já definimos o objetivo do Conselho?
- Sabemos como resolveremos os conflitos e as divergências?
- A comunidade conhece e está apostando no projeto de desenvolvimento?
- Os poderes públicos estão presentes?

que as melhorias serão para todos.

Com tanta gente e tantas organizações juntas no Conselho, só dá pra avançar com muito diálogo e muita confiança uns nos outros de que todos querem o bem comum.

No meio do caminho sempre aparecem as diferenças de opinião. Mas a gente

queria se entender, não queria brigar, então conseguiu negociar e resolver os conflitos.

Também é importante ter a colaboração de especialistas e consultores, ou de instituições que ajudem a comunidade a se capacitar e ter acesso a recursos para conduzir o seu desenvolvimento.

Conhecer para transformar

Aquela lista com os problemas e as potencialidades do bairro, a gente chamou de pré-diagnóstico.

— Nossa, Vicente, isso parece coisa de médico! — se espantou José.

— É parecido. Quando alguém vai no médico, ele precisa saber o que está errado para encontrar a cura. Primeiro ele pergunta o que o paciente está sentindo, examina e observa. Com isso, ele levanta algumas possibilidades. Mas para ter certeza, ele pede alguns exames, que vão dar informações mais precisas. Aí ele pode



dizer o que o paciente tem, que é o diagnóstico, e receitar um tratamento.

A gente já sabia o que a comunidade

O que pesquisar?

Antes de realizar a pesquisa com as pessoas do bairro, vale a pena saber se existem pesquisas anteriores sobre o bairro ou região e consultar fontes de informação nacionais, como o IBGE, estaduais e municipais.

Na pesquisa feita nas casas

- Qual é a “nossa cara”? Qual a idade e sexo das pessoas, de onde vieram, como estão de estudo formal, têm uma ocupação, quanto ganham, como moram?
- Gostam do bairro? Por quê?
- O que as pessoas querem para suas vidas e o futuro do bairro?
- Quais são as principais necessidades?
- Que recursos o bairro tem?
- Quais são as habilidades da população? Que tipo de atividades sabe fazer?
- Tem interesse em fazer cursos? Quais?
- Como funciona a economia local? O que as pessoas compram, onde compram e quanto gastam?
- Gostaria de montar um negócio?

Na pesquisa feita nas fábricas e estabelecimentos comerciais

- Quais são as principais atividades econômicas?
- Como funcionam os pequenos e médios negócios: quando foram criados, quantos funcionários têm, oferecem treinamento, têm controle de qualidade dos produtos, conseguem lucro para investir?
- Onde estão localizados os clientes e fornecedores?
- Quais são as necessidades: crédito, serviço de consultoria, formação em gestão, informática, profissionais qualificados?
- Qual(is) o(s) potencial(is) econômico(s) do bairro?
- Qual(is) o(s) ramo(s) de negócio que está(ão) faltando no bairro?

sentia sobre o bairro, e já tinha pensado em algumas maneiras de mudar a realidade local. Agora precisava fazer os “exames”,

ter informações mais precisas e abrangentes. Então resolvemos fazer uma **pesquisa de Desenvolvimento Local**.



Como é a pesquisa popular?

A pesquisa é mais que um simples levantamento de opiniões. Ela é feita por um método científico, que permite quantificar e qualificar as informações, ou seja, dar a medida para as coisas.

A comunidade pode usar a pesquisa para conhecer o que os moradores pensam sobre

o bairro, como vivem as famílias, quais as necessidades mais urgentes, o que querem melhorar e como acreditam que isso pode ser feito. É um jeito de ter um “retrato” mais claro da realidade do bairro.

Depois de conhecer algumas opções de métodos de pesquisa, o Conselho escolheu a **pesquisa popular**, pois tinha várias

As características da pesquisa popular

- Pessoas da comunidade recebem formação para se tornarem pesquisadores populares.
- Elas participam na criação dos questionários, aplicação da pesquisa e sistematização dos dados.
- Os pesquisadores se tornam agentes de Desenvolvimento Local, pois assumem uma responsabilidade perante o futuro da comunidade e são bem preparados para difundir e explicar o projeto.

Quais as vantagens deste método?

- Por ser feita por gente da própria comunidade, a receptividade é mais alta, ou seja, mais pessoas aceitam responder os questionários.
- Os dados também são mais confiáveis, produzindo-se um retrato fiel da percepção das pessoas sobre o bairro.
- As informações são produzidas e processadas no local, aumentando a capacitação e autonomia das pessoas.
- Trata-se de um processo pedagógico e mobilizador para todos na comunidade, pois para responder o questionário têm que pensar nas suas realidades e em como mudá-las. Isso aumenta sua capacidade de orientar o Desenvolvimento Local.

vantagens (*ver quadro*). Alguns moradores fizeram cursos para se tornarem pesquisadores populares. Aprenderam a entrevistar as pessoas, anotar direitinho as respostas e se comunicar de forma clara. Sabiam explicar na ponta da língua o que é o Desenvolvimento Local Participativo e tiravam as dúvidas que os entrevistados tinham.

Isso de ser gente do bairro foi bom,

porque eles já eram conhecidos dos moradores, então as entrevistas foram muito bem recebidas. Além disso, eles mesmos iam colaborar para pôr o projeto em movimento.

Os resultados da pesquisa serviram de base para a comunidade conversar com as entidades e autoridades locais e, juntos, chegarem a propostas de ações e projetos para o futuro do bairro.



Nasce o Plano de Ações

Ao final da pesquisa, os moradores já estavam mais por dentro do que estava acontecendo. O Conselho convocou uma assembléia pra apresentar os resultados e foi bastante gente. Chamou também representantes da prefeitura e das associações de bairro, professores das escolas, pessoas da igreja, os agentes de saúde, os comerciantes...

A assembléia é uma reunião de todos

para discutir os problemas e soluções e decidir coletivamente o que fazer. A partir dos dados da pesquisa, as pessoas fizeram propostas, e a comunidade pôde selecionar as que achava mais urgentes. Às vezes tinha discordância sobre qual era a prioridade, mas depois de muita conversa concordamos que era importante chegar a um consenso, em nome do objetivo comum. E era importante ter uma visão de futuro, um

Como organizar o Plano de Ações?

O Plano de Ações pode ser estruturado de muitas maneiras, principalmente em processos participativos, em que ele tende a ter a cara do processo. Mas dificilmente poderá deixar de conter as seguintes informações:

- Diagnóstico elaborado a partir da pesquisa.
- Ações a serem implementadas e projetos prioritários.
- Projetos de médio e longo prazo.
- Distribuição de tarefas entre as pessoas e organizações participantes.
- Cronograma geral com metas de conclusão.

para organizar uma horta comunitária, com quem tivesse interesse. Este projeto não era considerado prioritário, mas como não dependia de muitos recursos de fora, foi logo posto em prática.

Foi bom mesmo, porque os resultados vieram logo, as pessoas puderam contar com alimentos saudáveis e praticamente de graça. E ajudou a dar ânimo para tocar os outros projetos.

cenário que imaginamos para o nosso bairro e também o caminho para chegar até lá.

Com isso, já deu pra elaborar um **Plano de Ações**.

Seu Jovelino, que tinha morado na roça, se ofereceu



O ciclo do Desenvolvimento Local Participativo

— Vicente, espera aí! Estou vendo que nada aconteceu só com boa vontade...

— Isso mesmo, José. A gente aprendeu que, se depender disso, a chance de dar errado é grande. Fomos conhecer como outras comunidades fizeram a sua história de Desenvolvimento Local Participativo, e vimos que precisa ter um método. Assim a gente erra menos e pode criar soluções que resolvam de fato os problemas.

— Ah, sei! Não fica mais aquela impressão de que o resultado nunca vem.

— A gente viu que as etapas do Desenvolvimento Local Participativo têm começo, meio e, quando chega no final, já é um novo começo! Funciona como um ciclo.

— Explica melhor, irmão.



**FASE 1
ORGANIZAR****UNIR FORÇAS E A VONTADE
DE MUDAR - Pág. 6****FORMAR A ESTRUTURA
DE PARTICIPAÇÃO - Pág. 8****FASE 2
DIAGNOSTICAR E PLANEJAR****CONHECER PARA
TRANSFORMAR - Pág. 10****COMO É A PESQUISA
POPULAR? - Pág. 12****NASCE O PLANO
DE AÇÕES - Pág. 14****COMPLEMENTAR,
REAJUSTAR E AVALIAR**

— Tudo começa com a mobilização. A gente se organiza, consulta as pessoas. Aí pesquisa, recolhe informações, organiza os dados. Depois volta a se reunir, sempre de forma participativa e democrática. Planeja as ações, vai atrás de recursos e parcerias para ter capacitação e pôr a mão na massa. Quando os projetos estão em operação, tem que acompanhar tudo de perto e fazer avaliações para medir os resultados. Com isso, a gente começa a ver mais longe. Tem nova mobilização, outras pesquisas, novos projetos e assim por diante. Começa outra vez. Como eu disse, é um ciclo, em que a gente vai aprendendo e melhorando.



Poder público e comunidade trabalham juntos

Na nossa assembléia, a comunidade mostrou que sabia o que queria, e na ordem que queria. Com isso, a gente pôde separar o que era obrigação do **poder público** e o que seria feito por nós mesmos.

O poder público deve fornecer os serviços

básicos, como esgoto, água encanada, escolas e saúde, importantes para o desenvolvimento. Essas são suas funções “tradicionais”. Mas a gente esperava mais, que apostasse e tomasse a iniciativa de promover as ações do Desenvolvimento Local

Participativo, junto com a comunidade.

Conseguimos levar para nossa reunião representantes da prefeitura, da empresa de saneamento, de eletricidade e telefone. Então eles se comprometeram na hora. As necessidades de saneamento e infraestrutura foram atendidas mais rápido que nos bairros vizinhos. E a gente abriu um diálogo com o poder público, mudando o

jeito de se relacionar.

O Plano de Ações também pode ser bastante útil para a administração pública. O prefeito confirmou:

— Se todo bairro fosse assim, seria mais fácil administrar a cidade.

Isso ajudou a criar confiança no futuro do bairro e uma relação mais direta e transparente com a administração pública.

Atribuições do poder público

- Infra-estrutura: luz, água encanada, esgoto, pavimentação, telefone.
- Serviços de saúde: postos de saúde, UBSs, hospital, casa de parto.
- Serviços de educação: creche, escola, biblioteca, universidade, cursos livres.
- Esporte: quadras e equipamentos esportivos, clubes da prefeitura.
- Cultura e lazer: praças, parques, áreas de lazer, cinemas, teatros, festivais de música.
- Assistência social.
- Apoio à economia local e geração de trabalho e renda.
- Promoção das ações do Desenvolvimento Local Participativo.

Elaborar os projetos

Tinha chegado a hora de executar a nossa parte do plano. Começamos **detalhando cada projeto** que tinha sido escolhido como prioridade. A gente tinha a experiência da pesquisa popular, então já existia um entrosamento entre os participantes. Aí a gente discutiu bastante para saber bem direitinho o que queria fazer, qual o objetivo, quais materiais ia usar, quanto de dinheiro ia ser preciso para cada projeto e quem ficaria responsável pela realização de cada parte do que a gente estava programando. Também tinha

O que um projeto deve conter?

Um projeto deve responder claramente as seguintes questões:

- Quais são as necessidades?
- O que vai ser feito para atendê-las?
- Por quê?
- Como será feito?
- Quem vai fazer? Que tipo de conhecimento é necessário? Que tipo de profissional? Que organização?
- São necessárias atividades de formação e capacitação?
- Que materiais são necessários?
- Quais os recursos financeiros necessários?
- Quais as etapas a serem seguidas?
- Quando cada etapa será executada? Qual o tempo necessário a cada etapa?
- Quanto de recursos será gasto em cada etapa?

Quanto mais claro e detalhado o planejamento estiver, mais fácil será de prestar contas depois.

que pensar o porquê de cada detalhe, e em quanto tempo ia terminar cada atividade.

Tinha, além disso tudo, um grupo responsável por acompanhar o trabalho das equipes, para poder enxergar com um olhar crítico e avaliar o que estavam fazendo. Assim, ia contribuir para melhorar as nossas ações. Reunimos ainda um pessoal para cuidar da comunicação e divulgar o que a gente vinha construindo no bairro.





Tirar os projetos do papel

— Mas, Vicente, vocês sabiam fazer tudo isso? Eu não saberia nem por onde começar!

— Mais ou menos, José. Algumas coisas a gente sabia, outras não. Então a gente foi atrás de parceiros.

Nossos projetos foram feitos com muito cuidado, faltava ir para a prática. Sabíamos os recursos que íamos precisar. O próximo passo era saber de onde eles viriam. E isso não é nada fácil, os caminhos para

conseguir recursos são muito variados.

Existem os órgãos de governo, empresas, doadores individuais, fundações, entidades religiosas... Cada um tem uma forma de fazer parcerias, tem interesses, exigências e regras próprias.

Nessa etapa, fomos consultar as pessoas e organizações que colaboravam com a gente, mostrar nossas idéias, ouvir sugestões, pesquisar as fontes de recursos e

Possíveis fontes de recurso

- Bancos de desenvolvimento (Bndes, BID, Banco Mundial).
- Editais ou apresentação de propostas a ministérios, governos estaduais e prefeituras.
- Órgãos e agências de fomento, nacionais e internacionais (Finep, Unicef, Unesco, Pnud etc).
- Doações da comunidade.
- Eventos para arrecadar fundos.
- Departamentos de responsabilidade social em empresas.
- Fundações.

Normalmente, os projetos têm que ser modificados para se adequar ao modo próprio de cada financiador trabalhar. Mas tome cuidado para não mudar as coisas que são essenciais, que dão identidade ao projeto e são a sua razão de ser.

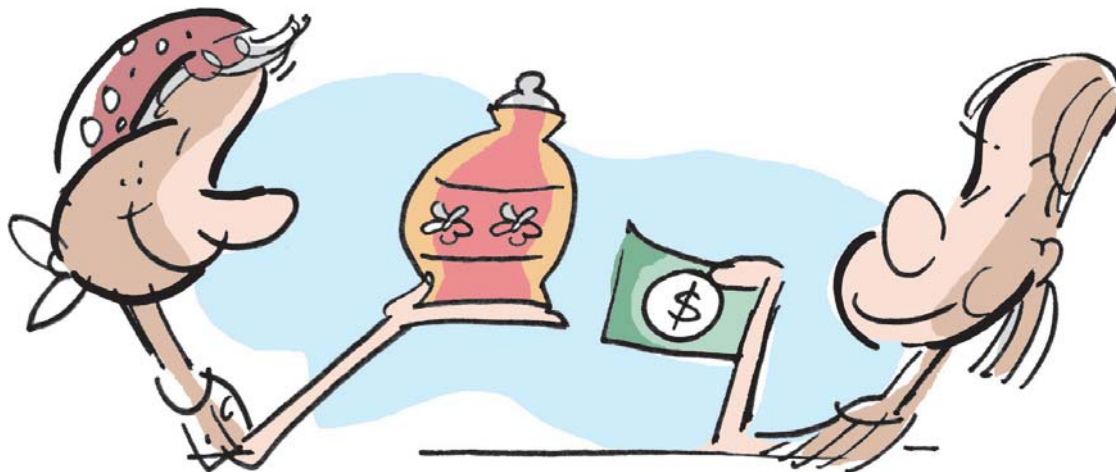
discutir as vantagens e desvantagens de cada uma delas.

O importante era escolher o caminho mais adequado para os nossos objetivos e o planejamento feito pela comunidade.

Ficamos bem atentos aos editais de seleção de projetos, nas áreas que escolhemos como prioridades. Os editais são documentos que os órgãos de governo publicam com regras para que as pessoas possam concorrer a recursos públicos.

Um de nossos projetos foi selecionado e isso deu um grande impulso! Mas também trouxe uma enorme responsabilidade! Tinha que fazer tudo direitinho do jeito que a gente escreveu no projeto, e depois prestar conta de cada centavo que foi gasto.

Fomos percebendo que quanto mais a comunidade e o Conselho iam ganhando experiência, entendendo como as coisas funcionam e assumindo responsabilidades, começamos a recorrer menos à ONG que nos apoiou no início. Ela ainda dá assessoria para algumas coisas, mas hoje somos bem mais independentes.



Gente trabalhando, dinheiro circulando no local

O nosso maior desafio era movimentar a economia do bairro, e criar alternativas de trabalho para diminuir a pobreza. Aprendemos que a economia é central para o Desenvolvimento Local. Quando ela é pensada de forma integrada com o meio ambiente, os recursos que existem no território, a cultura da comunidade e sua qualidade de vida, é a

“saúde” da economia que garante que as conquistas vão durar e se ampliar. Sem precisar ficar o tempo todo buscando recursos de fora.

No nosso bairro, melhorar a infra-estrutura fez com que os comerciantes ficassem mais interessados em abrir novos negócios. Nosso objetivo era melhorar a geração de trabalho e renda e criar novos empreendimentos,

Como melhorar a economia local?

A economia local está vinculada à economia nacional e internacional. Mesmo assim, muitas ações podem ajudar a dinamizar a economia local de modo sustentável, com inclusão social e geração de trabalho e renda.

Uma delas é a incubação de empreendimentos. Na incubação, as cooperativas e outros tipos de negócios recebem apoio financeiro e técnico, ou ainda na forma de equipamentos e materiais, até que possam andar com suas próprias pernas.

Outra iniciativa é o microcrédito. São empréstimos de pequeno porte para produtores populares que, em geral, não têm acesso aos serviços financeiros tradicionais. Eles permitem comprar

equipamentos ou investir em seus negócios, dando aquele empurrãozinho que muitas vezes é o que faz a diferença.

A economia solidária ocupa um lugar de destaque no Desenvolvimento Local Participativo. Ela se baseia em laços de confiança e cooperação entre as pessoas e instituições, e tem como foco a valorização do ser humano. No Brasil e no mundo, diversas experiências têm estimulado a criação e o fortalecimento de empreendimentos de economia solidária, junto com atividades de capacitação, assessoria técnica e acompanhamento, a articulação com os gestores públicos e a construção de espaços coletivos como movimentos, redes e fóruns.

dando condição para se sustentarem com as próprias pernas. E, quando houvesse um grande investimento, também incluir as pessoas e famílias pobres nas oportunidades de trabalho que fossem criadas.

Uma das formas de desenvolver a

economia seria incentivar a nossa produção, aproveitando o que o bairro tem de vantagens. Estudamos bem que tipo de produtos as pessoas da comunidade compram e a nossa capacidade de produzir. As experiências de Desenvolvimento Local mais

antigas nos ensinaram que a economia sai fortalecida quando as pessoas compram dos produtores locais. O dinheiro fica no território e volta a ser investido ali mesmo. Isso gera oportunidades de desenvolvimento.

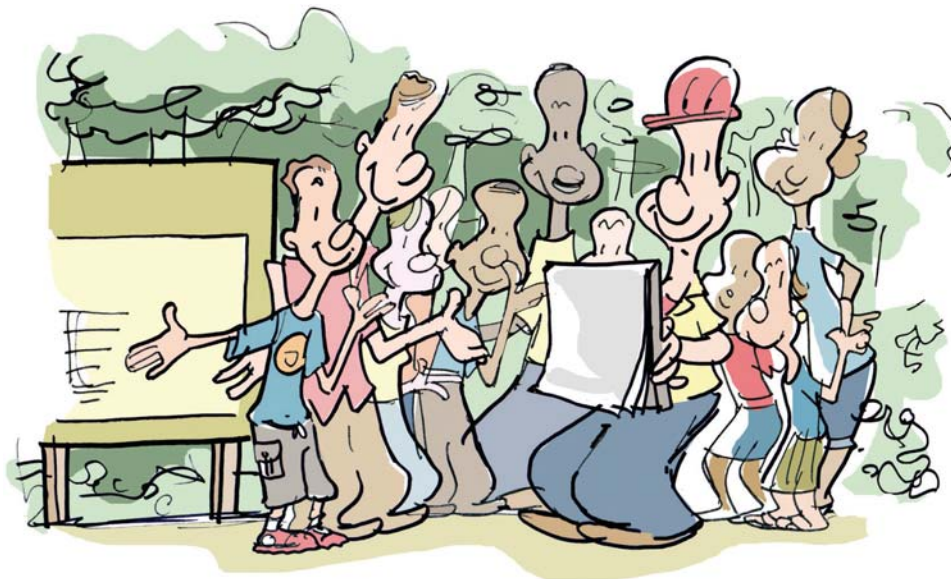
Nosso plano fez a ligação de vários projetos voltados para a produção, a comercialização e o consumo. Acreditamos muito na nossa capacidade de promover o desenvolvimento. Mas para isso, capacitar a comunidade era uma questão chave. Procuramos técnicos da área de economia e administração, que nos ajudaram a criar os projetos. Um dos resultados foi a parceria com instituições que deram cursos profissionalizantes, de gestão de negócios e cooperativas e de economia solidária, tudo previsto no plano. Apareceram várias iniciativas.

O bom para bairro era que todos os empreendedores tivessem acesso a um

crédito, mesmo que pequeno. Para que isso fosse possível, fomos entender como funcionam as iniciativas de microcrédito, que emprestam dinheiro a quem precisa para começar um negócio. O principal é que não tem burocracia e os juros são mais baixos. Alguns empreendimentos já estão funcionando assim, como uma oficina de motos, um açougue, uma padaria... E muitos outros vão começar.

— A gente criou uma loja e uma feira para os artesãos, costureiras, pequenos agricultores e outros produtores venderem — lembrou a Mariana.

— E isso ajudou também a trazer mais gente da comunidade para perto do nosso projeto. A loja acabou virando também um lugar de encontro, onde se podia explicar como o Desenvolvimento Local Participativo está trazendo benefícios para todos.



Acompanhar, avaliar e prestar contas

O Conselho precisa acompanhar de perto cada etapa, para saber se tudo está acontecendo como tinha previsto, ou então para ajustar os planos quando alguma coisa nova acontece. A realidade é muito dinâmica, não dá pra achar que é só planejar que vai dar tudo certo. Precisa ficar de olho pra mudar e melhorar sempre que for necessário.

O acompanhamento e as avaliações periódicas sobre o desenvolvimento de cada

projeto deve acontecer sempre. Documentar cada passo, com fotos, vídeos, páginas na internet, depoimentos, publicações, ajuda a manter a população informada. Sempre que for preciso, as pessoas poderão avaliar os resultados e rediscutir as etapas do processo.

— **Nossa, Vicente, falando assim parece fácil!**

— **Não é fácil, José, dá muito trabalho! Mas é possível se as pessoas quiserem e trabalharem juntas. E vale a pena!**

Celebrar e divulgar as conquistas



Como divulgar o projeto?

É muito importante divulgar as coisas que estão sendo feitas e os resultados obtidos. Se todos ficam sabendo, apóiam as ações e o projeto ganha força e legitimidade. Para a divulgação, podem ser feitas muitas coisas:

- Festas, *shows* e eventos culturais.
- Folheto, jornal, revista, mural.
- Faixas e cartazes.
- Blogue e *site* na internet.
- Palestras, reuniões, aulas e cursos.
- Programas de rádio.
- Matérias em jornais, revistas, TVs.

— E agora vamos festejar juntos os resultados que nós conquistamos!

Na hora da celebração, o bairro inteiro participa, e a gente sai com energia renovada para fazer mais e mais coisas juntos e continuar a transformação. Muita gente que ainda não conhecia o trabalho que está sendo feito agora vai ficar sabendo.

Colocamos uma faixa dizendo: “Nós estamos transformando o nosso bairro,



participe você também!”, que é para todo mundo lembrar que as conquistas vieram com o nosso próprio trabalho, e ainda tem muito por fazer.

Também saiu um jornalzinho, que agora vai circular no bairro com as notícias do projeto. Tem gente até falando em montar uma rádio comunitária.

— O Vicente está querendo é virar locutor... — provocou Mariana.

— É, não seria ruim — brincou Vicente.

Já conquistamos muitas coisas, mas ainda queremos muito mais! A cada passo percebemos que essa história de Desenvolvimento Local Participativo é um processo que começa, vai contagiando as pessoas, mudando a realidade e, quando você vê, não tem fim!

Outras histórias

A história do Vicente, da Mariana e de sua comunidade foi inspirada em experiências de Desenvolvimento Local Participativo que se deram pela iniciativa de lideranças comunitárias, grupos e organizações da sociedade civil e contaram com a participação e assessoria do Instituto de Tecnologia Social (ITS), além do apoio da Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social, do Ministério da Ciência e Tecnologia. Essas práticas estão acontecendo no bairro de

Cidade Ipava, na zona Sul da cidade de São Paulo (SP), e em São Sebastião, cidade satélite de Brasília (DF). Em 2007, foram sistematizadas em cadernos e revistas produzidos pelo ITS.

Também tomamos como referência para esta cartilha o trabalho de outras organizações que promovem o Desenvolvimento Local Participativo em diferentes locais do Brasil. Algumas dessas entidades podem ser conhecidas nas seguintes páginas eletrônicas:

Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira (Apaeb–Valente)	www.apaeb.com.br
Instituto Banco Palmas	www.bancopalmas.org.br
DLP em Cidade Ipava e São Sebastião	www.itsbrasil.org.br
Associação Maranhense para a Conservação da Natureza (Amavida)	www.amavida.org.br
Associação em Áreas de Assentamento no Estado do Maranhão (Assema)	www.assema.org.br

Sobre os temas Desenvolvimento Local e economia solidária, sugerimos as seguintes páginas na internet:

Cooperar em Português	www.cooperareportugues.org
Feira ExpoBrasil Desenvolvimento Local	www.expobrasil.org.br
Fórum Brasileiro de Economia Solidária	www.fbes.org.br

Tecnologia Social

Esta cartilha foi elaborada a partir dos princípios da Tecnologia Social. Para saber mais sobre o tema, conheça as outras publicações do Instituto de Tecnologia Social. Elas estão disponíveis em www.itsbrasil.org.br.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL

Endereço: Rua Rego
Freitas, 454, cj. 73
República – CEP: 01220-010
São Paulo - SP
Tel/fax: (11) 3151-6499
e-mail: its@itsbrasil.org.br
www.itsbrasil.org.br

Autores

Irma Passoni e Jesus Carlos Delgado Garcia (coordenação geral), Beatriz Rangel e Maurício Ayer (coordenação editorial), Mouzar Benedito, Philip Ueno, Gerson Guimarães e Marcelo Elias de Oliveira.

Ilustrações

Ohi

Edição de arte

Tadeu Araujo

Impressão

Gráfica New Way



Ministério da
Ciência e Tecnologia



Rua Rego Freitas, 454, cj. 73 – República – CEP: 01220-010 – São Paulo - SP – Tel/fax: (11) 3151-6499
www.itsbrasil.org.br